

Editorial

Por Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, Thaís Fernanda Salves de Brito e Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins

Este é o primeiro número da revista *Trilhos*, editada pelo Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizado na cidade de Santo Amaro, na Bahia.

A criação da revista *Trilhos* confunde-se com a história do próprio CECULT, cujas atividades tiveram início em 2013. O primeiro campus deste Centro foi implementado no edifício Araújo Pinho, um antigo Colégio, localizado na rua do Imperador, ao lado da Sociedade Filarmônica Filhos de Apolo, quase em frente ao rio Subaé. Tal localização estava intrinsecamente relacionada à crônica da cidade de Santo Amaro, feita por Caetano Veloso na canção *Trilhos urbanos*. A passagem dos trilhos da linha Sul - Mapele/Monte Azul - pela pequena cidade do interior da Bahia, a partir do final do século XIX, constituiu um importante signo de modernização de Santo Amaro. Assim, a presença de um campus da UFRB na cidade relaciona-se a uma memória cultural relativa aos rastros de um processo de urbanização inconcluso. Nesse sentido, o nome *Trilhos* constitui uma síntese dos diferentes tempos que atravessam o CECULT e a cidade de Santo Amaro.

Fruto da expansão do ensino público federal ao longo dos anos 2000, o CECULT é um centro de ensino interdisciplinar, edificado com o intuito de colocar em diálogo distintas áreas do conhecimento e formas do saber, as quais abarcam a ciência, as artes, a cultura popular e tantas outras. A criação de um campus universitário numa cidade como Santo Amaro, a qual alia forte tradição artístico-cultural, sobretudo afrobrasileira, a uma frágil atividade econômica, não ocorre sem conflito, dentro e fora da universidade. Nesse processo, um aspecto é digno de destaque: os dissensos sociais, que historicamente sempre foram invisibilizados, finalmente, agora estão dentro do campus universitário. Com isso, coloca-se o desafio de construir um novo devir, formado por inúmeros devires minoritários que, como indica Eduardo Silveira, implica

(...)
lutar por uma nova escrita da história
ou então assumir de uma vez
que o que temos até então
é uma história de ficção
um romance do mundo
um grande artigo da wikipedia
que pode e deve ser alterado
(...)

Seguindo essa vocação, a revista *Trilhos* é uma publicação de cunho interdisciplinar, voltada para a promoção do diálogo entre a ciência, a estética, as artes e a cultura. De periodicidade semestral, possui as seguintes seções: artigos (dossiê e temas livres), ensaios, resenhas, entrevistas, traduções, experiências em artes e literaturas, ensaios fotográficos, relatos de campo e de processos artísticos inéditos e originais, que abarcam diferentes formas de expressões artísticas, como fotografia, música, artes visuais e poesia. Fazendo jus ao contexto sociocultural em que se insere, a seção de entrevistas pretende fomentar discussões entre mestres da cultura popular, artistas e acadêmicos, com o intuito de propiciar o intercâmbio e o tensionamento entre diferentes perspectivas sobre um mesmo tema.

Não são poucos os desafios que se colocam para construir e consolidar uma jovem universidade num contexto de incertezas e ameaças. Se, em tempos ditos normais, o desafio da academia sempre foi romper com os óbices, em meio à pandemia da COVID-19, seu influxo é maior. Os obstáculos tomam dimensões globais e a acerbidade ronda a esperança. Nem mesmo Charles Dickens, em sua célebre narrativa “Hard Times”, de 1854, conseguiu prever tantos desequilíbrios emocionais e tantas desigualdades escancaradas. Contudo, há uma (re)existência que opera reflexões profundas e contesta a inércia dos tempos pandêmicos. É nesse caminho tortuoso e repleto de incertezas que a revista *Trilhos* emerge, como uma tomada de fôlego que visa não apenas cumprir com uma das principais funções da universidade, ou seja, a difusão científica, como também ser um espaço aberto para o dissenso, sem o qual, não há produção de conhecimento.

Conteúdo do número inaugural

O primeiro número da Revista *Trilhos* inaugura-se por um artigo que revela uma Bahia por um modo singular: seus repertórios míticos e artísticos, sua África peculiar e a crônica plural. Nesta abordagem interdisciplinar pela canção, Milton Araújo Moura, que tão bem conhece as festas e os sons desta terra, percorre a produção acadêmica sobre a música, os romances e as novelas, a produção fonográfica, bem como as memórias da rádio até as micaretas carnavalescas baianas, apresentando uma crônica sobre o cotidiano permeado pelo Candomblé e pelo universo feminino das Yabás.

Percorrer este repertório musical nos conduz a uma espécie de convite metodológico para a leitura da Trilhos. Convidamos à experiência, o dispor-se a ler com os vários sentidos, e assim percorrer ruas, histórias, décadas, poesias e narrativas... por isso, segue-se a este artigo uma seleção de poesias de Eduardo Silveira e Camilo Alvarenga, sob curadoria e apresentação de Rubens da Cunha. São poemas manifestos, são nossos manifestos. Selva e urbanidade, corpos conformados e dissidentes, deambular e voltar, palavras e tempo, tudo que está à mesa para esta levada.

Em meio a uma maré vanguardista, Lenio Braga chega em Salvador, alimentado pela iconografia da cultura afro-brasileira, Lenio desenha, pinta, grava, esculpe um mundo de realismo fantástico, mas a seu modo. Traço fino e contundente, traz para o primeiro plano a “gente do povo”, como afirmam Marcelo Brazil e Walter Mariano, curadores da exposição “A arte de Lenio Braga”, que ocorreu na Galeria Cañizares, junto à Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, em 2018. Lenio é cirúrgico. A delicadeza do seu riscado contrasta com a força das suas imagens. Do bico de pena ao concreto, ali há vida e narrativa em pessoas que vem e que vão.

Ir e vir é também tema de uma entrevista entre Julia O’Connell-Davidson e Angelo Martins Jr., previamente publicadas no Reino Unido, pela Revista *Theory, Culture & Society*, e gentilmente cedida para esta tradução. O ponto de partida são os imigrantes e o conceito de “escravidão moderna”. Neste artigo contundente e polêmico, os sociólogos discutem o termo que tem sido usado de modo naturalizado - e, talvez, esvaziado de sentido - por uma série de atores públicos e que tendem a minimizar processos históricos, incluindo a própria escravidão atlântica que tanto consolida a nossa realidade, bem como fenômenos vários em relação às formas de opressão e de exploração econômicas. Os autores, em um exercício ousado, retomam, por um lado, a história dos escravizados e de suas estratégias de liberdade, a agência e os laços criados para suportar os modelos de escravidão no processo de colonização transatlântica. Por outro lado, adensam a reflexão sobre o sistema econômico capitalista, o desenvolvimento das sociedades liberais modernas e um suposto senso de cidadania global.

Neste exercício interdisciplinar e dialógico, vemos que as reflexões políticas se espriam em cantos, campos e formas distintas. Nas tentativas de puxar fios e compreender realidade nas quais estamos imersos, é possível que alguns destes fios acabam por embaralhar as nossas realidades já tão confusas, ou, o que pode ser bem possível, nos ajudam a criar outros desenhos e possibilidades. Pensando em fios (que tecem possibilidades) e em possibilidades, Fernanda Peixoto perfez “Os riscos da agulha”. Nesta reflexão, os usuais bordados, tão frequentes nas realidades domésticas e nas imagens sobre as fragilidades femininas, se apresentam pela dimensão do risco e da potência política. De representações pictóricas aos exemplares de tecidos bordados, vemos a presença ousada e perigosa do fazer e do circular das peças e das mulheres que as produzem, partindo de rígida disciplina corporal rumo ao ativismo político.

Os bordados são, ali, analisados pela inspiração em Simondon, considerando os processos de individuação que são agenciados pelo ato de bordar. Ainda com base em Simondon, Alexandre Rocha da Silva, André Corrêa da Silva de Araújo e Demétrio

Rocha Pereira levam este autor em direção a um passo adiante, ao pensar a comunicação e os signos junto a Deleuze. Por meio desse diálogo, busca-se indicar a possibilidade de formulação de uma semiogênese comunicacional deleuzo-somondoniana, que toma por base a individuação que se constrói por meio do divergente, do precário e do não acabado. Trata-se, inegavelmente, da tentativa não antropocêntrica de pensar os intercâmbios comunicacionais nas mais variadas esferas em que eles se manifestam, seguindo assim a tradição inaugurada pelo estruturalismo e por algumas vertentes do pensamento semiótico.

É, também, sobre uma espécie de “tornar-se”, em realidade igualmente divergente, precária e não acabada que se dedicam Tamara Carla dos Santos e Josette Monzani. Partindo de uma investigação intensa em periódicos dos anos de 1920, as autoras partem da repercussão dos filmes e da vida privada de uma estrela do cinema silencioso, Louise Brooks, para pensarem sobre o imaginário social que deseja uma “nova mulher”, desta vez: emancipada, criada para e pela metrópole, inventada pela cultura de massas. Naquele novo mundo, coube ao cinema fabricar e disseminar signos da modernidade e, a partir deles, criar identificação. Um exemplo é o referente ao papel da mulher que precisava ser, simultaneamente, sedutora e doméstica, ainda que perigosa e volátil, projetando, obviamente, o desejo masculino sob este modelo. Se o cinema é o corolário da modernidade, Brooks, é a mulher-menina que se esperava para viver os novos tempos.

Começamos este editorial apresentando a nossa realidade pautada em uma modernidade inconclusa. E, da mesma forma, o concluímos. Talvez, mais do que nunca, estamos pensando sobre os lugares, as experiências coletivas, as formas de agregar e de se distanciar, em como nós nos fazemos e nos desfazemos, em quais signos e representações ainda nos alimentam. Este é um exercício coletivo de pensar e de se fazer. É uma experiência interdisciplinar, estética e afetiva. Desse modo, esperamos, portanto, que o convite para caminhar nestes Trilhos seja aceito.